Voto de Saudação

Há cem anos atrás nascia na Vila da Praia da Vitória na Ilha Terceira Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva. Nascia de «parto difícil, a *forceps*, do Dr. Alexandre Ramos», nas palavras do próprio Nemésio, às 16 horas do dia 19 de Dezembro de 1901 na então Rua da Cadeia (Rua do Conde Sieuve de Menezes). Estávamos no dealbar de um novo século, que, inevitavelmente, arrastava consigo os ensinamentos que o século passado lhe legara e continha em gérmen inquieto as revelações de uma nova era que viriam - embora Nemésio disso não pudesse desconfiar - a influenciá-lo profundamente. Tão profundamente que toda a sua obra é um reflexo desta inusitada convivência entre a tradição e a modernidade, a nostalgia do passado e o fascínio da evolução técnica do presente, a paradoxal distância e proximidade das suas ilhas, a lentidão apetecível da viagem de barco e a vertigem do avião, a memória dos cerrados de milho do Ramo Grande e a decepção pelos quilómetros de asfalto em que se haviam lentamente transformado.

«Açoriano de treze gerações» como ele próprio se auto-intitulava, Nemésio descendia de ilustres navegadores pelo lado materno – Álvaro Martins Homem e Pedro de Barcelos –, porém, foi a imagem do pai que sobre ele exerceu maior fascínio, pelo gosto pela música, pela rara sensibilidade artística, mas também pela inconstância da sua personalidade. Nemésio possuiu, efectivamente, uma personalidade volúvel e permanentemente insatisfeita. Quis ser com idêntico fervor padre, militar, marinheiro e médico, acabando por ingressar no curso de Direito em Coimbra, do qual vem a desistir, mais tarde, para optar por Filologia Românica, curso que

conclui em Lisboa. Era sobejamente capaz de se adaptar a novas culturas com a mesma bonomia interior com que voltava à casa de Verão nas vinhas do Porto Martins que a família herdara do tio Mão Roxa. Revelou-se capaz de ser, com idêntico brilhantismo, um excelente poeta e um cronista contundente, um romancista reconhecido e um comunicador de eleição. O seu domínio de variados sub-géneros literários levaria David Mourão Ferreira a confessar que «[o seu] talento multiforme daria à vontade para mais dez autores, e todos eles de primeira água».

Nemésio foi poeta, dramaturgo, ficcionista, cronista, investigador, historiador, jornalista, professor, eminente conferencista, brilhante contista, um curioso insanável, um emotivo que tudo fazia coar «pelo cendal íntimo» e, sobretudo, um ilhéu convicto, cuja grande constância residiu no seu apego às ilhas que reiteradamente relembrou – não será exagero dizê-lo – ao longo de toda a sua obra. Fazendo deste microcosmos insular um lugar de eterno retorno, porém, sem o lamento da nostalgia do apartado, mas com a lúcida certeza do regresso *ab ovo*, como ele próprio gostava de designá-lo.

Nemésio foi, sobretudo, um homem do seu tempo, capaz de o analisar acutilantemente, mas suficientemente lúcido para discernir o peso que a história exerce sobre cada homem, e de advertir para o rumo que pressentia que o mundo podia tomar. De uma lucidez inexcedível, grande parte das suas crónicas constituem hoje excelentes documentos de época, capazes de reconfirmar a dispersão dos seus interesses. A crónica nemesiana é um misto surpreendente de notas de viagem, apontamentos circunstanciais, textos de cunho biográfico ou ensaístico, homenagens póstumas a figuras ilustres, elogios confessos aos seus contemporâneos, opiniões contundentes ou sugestões veladas, intervenções de cunho político ou devaneios de um

espírito filosófico, ao qual subjaz, como elemento unificador, uma espécie de roteiro autobiográfico, capaz de apaziguar a aparente dispersão.

Nemésio fez da sua escrita um percurso de intimidade, fez da sua obra um compromisso de eterno retorno às ilhas, à sua ilha, e neste retorno residia a sua profunda unidade. O apego às ilhas e ao modo de ser ilhéu perpassa toda a sua escrita, por isso, quer seja em Ouro Preto, em Paris, ou em Bruxelas é a imagem da ilha que o toma de assalto e o comove, fazendo-o reconhecer numa filarmónica bahiana os sons da Filarmónica União Praiense. Muitas das vezes incapaz de se conter eis que retoma as passadas de menino, quando o seu mundo era, então, o dos pescadores do areal da Praia, o da Tipografia Andrade na Rua Direita, em Angra, ou o das aulas de Matemática do professor Florêncio Terra, na cidade da Horta.

A escrita de Vitorino Nemésio aparentemente dispersa, visivelmente fragmentada revelava, afinal, uma unidade profunda, aquela que lhe garantia a imagem da ilha, real e arquétipo, imanente e eminente, realidade palpável e sonho difuso. A mesma ilha que lhe toldava o olhar e que lhe enformava a existência, como homem que sente que a vida é, afinal, este eterno retorno ao mesmo. Este sábio e lúcido retorno a si mesmo.

A este homem insaciável que, no fim da vida, enveredou por novos domínios, fossem os da medicina, os da física molecular, os da microbiologia e da genética, devemos, devem todos os açorianos esta justa homenagem pela passagem de cem anos sobre a data do seu nascimento. Agindo assim estaremos tão somente a retribuir uma homenagem que ele também prestou sentida e comovidamente ao longo de toda a sua vida ao povo destas ilhas, aquele com quem visceralmente se identificava e que em qualquer parte do mundo e em qualquer página de um dos seus livros lhe merecerei rasgados elogios e lhe causaram evidente comoção.

É neste contexto de comemoração e com este sentido de profundo reconhecimento que, nos termos estatutários e regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe à Assembleia Legislativa Regional dos Açores a aprovação deste Voto de Saudação pela comemoração do centenário do nascimento daquele que é, inquestionavelmente, um dos maiores escritores da Literatura Portuguesa contemporânea, Vitorino Nemésio.

O voto foi aprovado por unanimidade, na Horta, na sessão plenária de 23 de Outubro de 2001.

O Presidente da Assembleia Legislativa
Regional dos Açores

Fernando Manuel Machado Menezes